

Anne Buttimer, 1938-2017

Encontros entre vida, autobiografia, comunicação e história do pensamento geográfico

Anne Buttimer, 1938-2017: Encounters among life, autobiography, communication and history of geographical thought

Anne Buttimer, 1938-2017: Encuentros entre vida, autobiografía, comunicación y la historia del pensamiento geográfico

Anne Buttimer, 1938-2017: Rencontres entre la vie, l'autobiographie, la communication et l'histoire de la pensée géographique

Rafael Augusto Andrade Gomes



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/2717>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.2717

ISSN: 2316-7793

Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Refêrencia eletrónica

Rafael Augusto Andrade Gomes, « Anne Buttimer, 1938-2017 », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 10 | 2018, posto online no dia 26 dezembro 2018, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/2717> ; DOI : 10.4000/terrabrasilis.2717

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Anne Buttimer, 1938-2017

Encontros entre vida, autobiografia, comunicação e história do pensamento geográfico

Anne Buttimer, 1938-2017: Encounters among life, autobiography, communication and history of geographical thought

Anne Buttimer, 1938-2017: Encuentros entre vida, autobiografía, comunicación y la historia del pensamiento geográfico

Anne Buttimer, 1938-2017: Rencontres entre la vie, l'autobiographie, la communication et l'histoire de la pensée géographique

Rafael Augusto Andrade Gomes

Anne Buttimer: uma visão de sobrevoo

- 1 Em julho de 2017, a notícia do falecimento de Anne Buttimer (1938-2017) se espalhava na *internet* e mobilizava uma gama de manifestações de pesar – que vieram se acumulando, nos meses seguintes, em periódicos especializados de geografia e de arquitetura (Seamon, 2017; Clout, 2017; Ferretti, 2017). Uma apresentação da geógrafa irlandesa poderia ressaltar: os prêmios recebidos, como o prestigiado Prêmio Vautrin Lud (2014) (Alcoforado & Clout, 2014); cada Doutorado *Honoris Causa* de Buttimer, como aqueles concedidos pela *University of Joensuu* (Finlândia, 1999), *Tartu University* (Estônia, 2004) e *Université Joseph Fourier* (França, 2012); as distinções concedidas por sociedades e associações geográficas no Reino Unido e nos Estados Unidos da América, a exemplo da *Association of American Geographers* (1986 e 2014), *Royal Geographical Society* (1997), *Royal Scottish Geographical Society* (2000), *Royal Irish Academy* (2000) e *Swedish Society for Anthropology and Geography* (2009).
- 2 Além dos prêmios e distinções recebidos por Buttimer, nossa narrativa poderia ser organizada a partir das universidades nas quais ela se formou e, posteriormente, lecionou. Essa visão documentária da biografia pode oferecer uma imagem estabilizada da vida de um personagem; no entanto, perde-se o enriquecimento das sincronias em

benefício de uma suposta causalidade cronológica. Como relatos cronológicos da vida desta geógrafa, cabe-nos citar a biobibliografia de Mels (2010) ou mesmo os obituários (Seamon, 2017; Clout, 2017; Ferretti, 2017).

- 3 A história que nos propomos a contar sobre a vida da geógrafa Anne Buttimer possui um princípio narrativo particular, que pode ser sintetizado na seguinte questão: fundada em quais experiências de vida (tornadas públicas pela autora) Anne Buttimer desenvolve conceitos e procedimentos para a investigação da história do pensamento geográfico?
- 4 Como já destacado, os caminhos para uma apresentação geral da geógrafa irlandesa Anne Buttimer são diversos, mas optaremos por uma síntese de sua entrevista autobiográfica para a geógrafa Avril Maddrell (2009), uma estudiosa da geografia cultural e social, com ênfase no trabalho geográfico das mulheres e nos estudos de gênero. Nosso objetivo, no entanto, se distancia daquele de Maddrell (2009) no momento em que a entrevistadora está preocupada com questões vinculadas à sub-representação feminina nas histórias disciplinares da geografia. A literatura sobre esta temática vem se avolumando nos últimos anos e, por mais que seja um tópico essencial de discussão, não é nossa proposta aqui percorrer a seara da representação feminina em histórias disciplinares.
- 5 Maddrell (2009) elabora a entrevista de modo a abranger temáticas diversas da carreira de mais de 45 anos de Anne Buttimer, entre elas o trabalho da autora na geografia social, as abordagens humanistas e fenomenológicas, o *Dialogue Project* e a perspectiva de gênero. Segundo Maddrell (2009), Buttimer vê a história da geografia como um contexto de envolvimento entre (auto)biografias de indivíduos em sua relação com o contexto disciplinar e institucional das trajetórias de vida. Essa descrição é correlata à ideia desenvolvida por Pred (1979) e Törnqvist (2004).
- 6 Anne Buttimer nasceu no condado de Cork, na Irlanda, em 1938; graduou-se na *University College Cork* (1957) e terminou o mestrado no ano de 1959 na *National University of Ireland*. Doutorou-se na *University of Washington* em 1965 com uma tese sobre geografia social, tema escolhido pela autora como reação à demasiada importância do comportamento individual na geografia econômica veiculada nesta instituição (Maddrell, 2009). Finalmente, fez estágio pós-doutoral na *Université Catholique de Louvain*, onde estudou filosofia de forma profunda e entrou em contato direto com o existencialismo e a fenomenologia.
- 7 Entre 1966 e 2003, Buttimer se deslocou entre a *University of Seattle* (1966-1968), *University of Glasgow* (1969-1970), *Clark University* (1970-1981), *Lund University* (1982-1988), *Université d'Ottawa* (1989-1991) e *University College Dublin* (1991-2003). No ano de 2003, Anne Buttimer se aposentou na *University College Dublin*, mas manteve um gabinete na universidade e a aposentadoria não representou o fim de suas atividades acadêmicas. Antes pelo contrário, ao ser liberada das atividades administrativas e das aulas, Buttimer se dedicou ao estudo de temas específicos da história do pensamento geográfico e de iniciativas que tinham o intuito de promover a comunicação entre cientistas (Buttimer, 2016).
- 8 Para Maddrell (2009), uma das contribuições mais marcantes de Buttimer à história da geografia e à relação profissional entre os geógrafos foi o *Dialogue Project* (1978-1988). Buttimer também foi presidente da União Geográfica Internacional entre 2000 e 2004 e, desde 2012 até seu falecimento em 2017, foi vice-presidente da *Academia Europaea*, associação científica e não-governamental que visa o avanço e propagação da pesquisa das ciências humanas, naturais e em tecnologia na Europa. O restante da entrevista autobiográfica de Buttimer (Maddrell, 2009) será inter cruzado com outros ensaios

biográficos da autora, particularmente o *Home-Reach-Journey* (Buttimer, 2001a), que descreve a trajetória intelectual de Buttimer desde sua infância na Irlanda até o retorno para Dublin.

- 9 Especificamente na UGI, Buttimer trabalhou junto ao geógrafo japonês Keiichi Takeuchi na série *Geographers: Biobibliographical Studies*,¹ publicação anual da Comissão de História de Geografia, que organiza volumes contendo biobibliografias de estudiosos que contribuíram com a constituição do pensamento geográfico em diversos períodos e nacionalidades. Segundo entrevista concedida a Maddrell (2009), Buttimer relata o esforço para tornar as biobibliografias em análises localizadas contextualmente no tempo e no espaço. Assim sendo, cada ensaio biobibliográfico não será uma simples hagiografia de um sujeito qualquer, mas uma trajetória de vida constantemente tensionada com as possibilidades e limitações do contexto de existência da disciplina.
- 10 Em texto republicado² na coletânea *Placing Autobiography in Geography* (Moss, 2001), Anne Buttimer (2001a) faz uma apresentação autobiográfica de sua carreira até os anos 1990, quando ela retorna para a Irlanda, sua terra natal. O ensaio apresenta os contrastes da vida cotidiana da autora, tendo início com sua infância na Irlanda e perpassando outros países nos quais ela viveu, como Bélgica, França, Escócia, Estados Unidos, Suécia e Canadá. Buttimer (2001a) descreve suas áreas de estudo quando de sua passagem na graduação – sendo a geografia apenas um interesse lateral para a autora –, além de aspectos indiretamente profissionais, como o desejo de se tornar religiosa. Apresentaremos, com base nesse ensaio autobiográfico, elementos da vida de Anne Buttimer que serão essenciais para a análise empreendida adiante.
- 11 A passagem de Anne Buttimer por Seattle-Tacoma nos anos de 1960, quando era uma aluna de pós-graduação, é fundamental à nossa análise por dois aspectos: i) a revolução quantitativa estava em andamento e a ciência espacial era considerada como a expectativa de futuro da geografia (Buttimer, 2001b); ii) Buttimer se interessava, aparentemente pela primeira vez, pela noção *vidaliana* de “gênero de vida”. Esse interesse na noção de “gênero de vida” foi desenvolvido com detalhes por Anne Buttimer em um livro chamado *Sociedad y medio en la tradición geográfica francesa* (Buttimer, 1980b). De acordo com a autora, no mesmo ensaio autobiográfico, a noção de gênero de vida envolvia, para a explicação dos padrões diários da vida de um grupo, a análise de três conjuntos: crenças, tradições e hábitos; regras sociais de organização temporal e espacial das atividades; a base física do meio bio-ecológico.
- 12 Segundo Buttimer (2001a), em uma reunião da *Association of American Geographers* – AAG, realizada no ano de 1965 em Columbus/Ohio, os geógrafos esboçavam maior sensibilidade à análise da cultura a partir da consideração das diferenças ambientais dos grupos. O geógrafo David Lowenthal, inclusive, enviou à *Association of American Geographers* um memorando para informar a inclusão de sessões sobre percepção e comportamento ambiental pelo Comitê de Geografia Cultural na reunião de Columbus da AAG (Lowenthal, 1965).
- 13 Entre 1965 e 1975, Anne Buttimer se desloca entre Louvain (1965-1966), Glasgow (1968-1979) e Worcester/Massachusetts (1970-1981), com destaque para o ambiente intelectual da Bélgica, que já apresentava debates entre abordagens existencialistas, fenomenologistas, hermenêuticas e estruturalistas, e para as pesquisas de Buttimer sobre o espaço social em Glasgow (Buttimer, 1969). Curiosamente, o ensaio autobiográfico de Buttimer (2001a) dedica mais linhas aos dois momentos que mais nos interessam neste

- estudo: o período em Lund/Suécia (1976-1988) e o desenvolvimento do *Dialogue Project*, dois marcos no desenvolvimento de sua abordagem à história do pensamento geográfico.
- 14 Os trabalhos de Buttimer sobre o “gênero de vida” iniciados em Seattle e um de seus principais desdobramentos, as investigações sobre uma noção de espaço social aplicada aos estudos urbanos e ao planejamento, em Glasgow chamaram a atenção do geógrafo sueco, um dos renomados líderes da chamada geografia quantitativa,³ Torsten Hägerstrand. Em 1959, a propósito, Hägerstrand havia sido professor visitante em Seattle e aprofundado a orientação quantitativa da geografia da época (Maddrell, 2009); no mesmo período, Buttimer era aluna de doutorado na *University of Washington*. As trajetórias de Buttimer e Hägerstrand se cruzaram em 1959, mas o encontro efetivo entre eles só viria a se efetivar pouco mais de dez anos depois.
 - 15 Na concepção de Buttimer (2001a), Hägerstrand tinha interesse em discutir mais a noção de espaço social e a abordagem humanista, mas identificava a necessidade de Anne Buttimer incorporar a dimensão temporal em sua abordagem analítica do espaço. Em termos teóricos, talvez essa tenha sido a grande empreitada de Buttimer nos seus anos em Lund: aprofundar as discussões sobre temporalidade e gênero de vida com Hägerstrand e seu grupo na *Lund University*. Autores como Mircea Eliade (1907-1986), Gaston Bachelard (1884-1962) e Merleau-Ponty (1908-1961) foram destacados por Buttimer (2001a) como alguns dos guias desse percurso na discussão da temporalidade. Esse encontro de Anne Buttimer com autores da fenomenologia, portanto, não é uma ocorrência ao acaso ou transcendentalmente explicada por um “espírito do tempo”.
 - 16 No ano de 1976, conforme planejamento organizado por Hägerstrand, Anne Buttimer fora trabalhar como professora visitante na *Lund University*. Nesse ponto do ensaio autobiográfico, Buttimer (2001a) apresenta claramente um posicionamento sobre a perspectiva espaço-temporal do modelo da *time-geography*. Segundo a autora, tal modelo parecia tocar apenas o nível funcional da experiência espaço-temporal e enfatizar somente a maneira como forças institucionais modelam trajetórias e caminhos. Ainda que cercada de críticas, a perspectiva da *time-geography* reforçava que uma compreensão ampla da experiência ambiental dos grupos e indivíduos demanda, além do exame de imagens e percepções do tempo (Buttimer, 2001a), a análise dos ciclos ecológicos e neurofisiológicos da existência diária. A vida, então, parece entrar em questão nas abordagens geográficas desenvolvidas por Buttimer.
 - 17 Ainda em 1976, Buttimer (2001a) sugere que uma importância maior começava a ser dada a questões práticas e, nesse ínterim, foi organizado um seminário em Lund com o objetivo de facilitar o compartilhamento de experiências sobre valores na prática disciplinar e a dualidade realidade/sonho na ciência aplicada. Segundo a autora, uma nova vocação para sua vida era estabelecida: a construção de uma comunidade de estudiosos, em que a compreensão da própria prática poderia facilitar o entendimento da prática dos outros e, com isso, viabilizar a comunicação entre ciência e sociedade. Já em 1977, Anne Buttimer assumiu uma posição de pesquisa na *Lund University*.
 - 18 Uma outra aparição fundamental de Hägerstrand na trajetória de Buttimer parece ser o impulso dado pelo primeiro à edição do livro *The Experience of Space and Place* (Buttimer & Seamon, 1980); Hägerstrand assina o prefácio do livro e os editores esclarecem que a obra é fruto do intercâmbio entre suecos e americanos sobre o espaço social. No ano seguinte, Anne Buttimer escreveria um texto em uma coletânea intitulada *Space and Time in Geography - Essays dedicated to Torsten Hägerstrand* (Pred & Törnqvist, 1981), organizada por Allan Pred (1936-2007) e Gunnar Törnqvist (1933-presente). Este texto não segue um

formato acadêmico estrito, mas sua essência é de que havia uma ligação fulcral entre Hägerstrand e Lund, entre a vida do indivíduo e o lugar da vida. Seria desnecessário elencar todos os autores que escreveram ensaios dedicados a Hägerstrand, mas gostaríamos de reter aqui o nome dos organizadores, que farão sentido adiante: Allan Pred e Gunnar Törnqvist. Estes dois autores, além do professor David Seamon (*Kansas State University*), parecem reproduzir, em alguns artigos, essa simultânea complementaridade e contradição entre as abordagens teóricas desenvolvidas por Hägerstrand e por Buttimer.

Dialogue Project: comunicação na ciência geográfica

- 19 Sob o ponto de vista institucional, Anne Buttimer foi convidada para assumir uma posição de pesquisadora na *Lund University* no final dos anos 1970, entrou em contato com Torsten Hägerstrand nesse período e, juntos, coordenaram um projeto de entrevistas com geógrafos seniores sobre a prática geográfica e o mundo acadêmico da época, o *Dialogue Project*.⁴ Do ponto de vista teórico, como ressalta Gomes (1996), uma das sugestões de Anne Buttimer na edificação do humanismo na geografia era de que cada geógrafo, com o objetivo de compreender seus ritmos e experiências cotidianas, estabelecesse seu próprio projeto biográfico. Seria difícil erigir qualquer caminho de pesquisa sem antes desenvolver uma investigação sobre o mundo da vida e do cotidiano.
- 20 Tendo como molde o seminário de 1976, que contou com o apoio de Torsten Hägerstrand, Anne Buttimer organiza um Congresso da Comissão da União Geográfica Internacional – UGI sobre História do Pensamento Geográfico. A proposta do que viria a ser o *Dialogue Project* estava colocada, e pesquisadores seniores, geógrafos e não geógrafos foram convidados a refletir sobre o papel e o lugar dos valores em seu pensamento e práticas disciplinares.
- 21 Como nunca na história do pensamento geográfico, iniciava-se a conformação de uma das maiores fontes e arquivos orais para a história da disciplina; tudo isso foi capitaneado por Anne Buttimer e Torsten Hägerstrand. Para Buttimer (Van Paassen, 1981; Buttimer, 2001b; Maddrell, 2009), uma das questões centrais à geografia acadêmica na Suécia entre 1970 e 1980 era justamente o diálogo entre os diversos campos de especialização da disciplina e a integração dos conhecimentos. A geografia vivia, portanto, um problema de integração e diálogo fundamental na Suécia, e essa foi a justificativa para que Buttimer e Hägerstrand dessem continuidade ao projeto.
- 22 O lançamento do *Dialogue Project* foi em junho de 1978 e ocorreu em um Seminário na cidade de Sigtuna (Suécia). Os resultados deste projeto influenciaram a vida de Anne Buttimer pelo menos por uma década, quando o *Dialogue Project* foi oficialmente descontinuado. Em termos de produção bibliográfica, contudo, 1988 está longe de ser o ano final das repercussões teóricas, metodológicas e filosóficas dessa experimentação iniciada dez anos antes por Buttimer e Hägerstrand. Uma série de estudiosos e profissionais seniores, da geografia e de outras disciplinas, foram convidados a compartilhar suas experiências de criatividade, ou seja, estes estudiosos se submeteram a entrevistas para registrar eventos, lugares, pessoas e projetos significativos que influenciaram seu trabalho acadêmico.
- 23 Criatividade e contexto, estes talvez sejam os dois termos-chave do *Dialogue Project* entre 1977-1979, período em que as entrevistas se expandiram de modo a abranger estudiosos

da medicina, administração, direito, arquitetura, sociologia e literatura (Buttimer, 2001a). Segundo Buttimer (2001a), em meados da década de 1980, trezentas pessoas já haviam contribuído para o *Dialogue* e as entrevistas efetuadas já chegavam a uma centena (Buttimer, 1987b). A partir da análise do material autobiográfico das entrevistas, Buttimer (1981, 1982a, 1983a, 1983b, 1993) desenvolve uma trilogia teórico-conceitual e metodológica, composta pelos termos significado-metáfora-meio,⁵ para investigar quais condições possibilitam que determinadas ideias sejam elaboradas.

- 24 Ainda como resultado da mesma colaboração responsável pela execução do *Dialogue Project*,⁶ Buttimer coedita um livro com Hägerstrand. Intitulado *Geographers of Norden* (Hägerstrand & Buttimer, 1988), este livro, com uma bela e informativa introdução escrita pelo geógrafo William R. Mead (1915-2014) sobre o contexto geral da geografia escandinava e com apoio do *Swedish Council for Research in the Humanities and Social Sciences*, contém um conjunto de ensaios biográficos de geógrafos escandinavos seniores.
- 25 No prefácio de *Geographers of Norden* (Hägerstrand & Buttimer, 1988), assinado pelos organizadores, uma série de relações é estabelecida entre a abordagem da vida cotidiana desenvolvida por Buttimer desde o seu artigo clássico de 1976 (*Grasping the Dynamism of Lifeworld*) e a perspectiva têmporo-espacial elaborada por Hägerstrand também desde os anos 1970. Neste prefácio, Hägerstrand & Buttimer (1988) descrevem os pensamentos como produtos de uma vida – que, por sua vez, possui uma história que pode ser interpretada a partir dos intercruzamentos de jornadas de vida entre si e com o meio no qual se desenvolvem.
- 26 Ideias não são produtos desaterrados, mas surgiriam a partir do processo da vida, que muda progressivamente e, por conseguinte, afeta o conteúdo dos pensamentos e das práticas. Em termos metodológicos, para a captação dessa relação visceral entre pensamento e vida, nada mais indicado do que a abordagem autobiográfica. Assim, Hägerstrand & Buttimer (1988) situam o *Geographers of Norden*, um livro composto de treze autobiografias de universitários aposentados até 1980 com dois aspectos comuns: experiência de trabalho conjunto e a língua vernácula.
- 27 Não apenas em inglês foram publicados os resultados do *Dialogue Project*; um breve texto de Buttimer (1987b), publicado no *Bulletin de l'Association de géographes français*, apresenta a metodologia e avalia os resultados do projeto de diálogo internacional em ciências sociais iniciado em 1977. Conforme apontado no artigo (Buttimer, 1987b), o objetivo inicial do projeto era abrir caminhos para a comunicação entre especialistas de diversas áreas. Depreende-se, ao atentar para o objetivo inicial do *Dialogue Project*, que autobiografia e história oral como ponto de partida para investigações em história do pensamento geográfico não foram pressupostos, mas resultados de pesquisa obtidos por Anne Buttimer e Torsten Hägerstrand.
- 28 Em termos nacionais e disciplinares, a variedade do *Dialogue Project* é imensa; afinal, ainda que o foco fossem as experiências individuais na prática científica, importava para os idealizadores do projeto uma grande diversidade de contextos disciplinares e nacionais. Apesar da heterogeneidade, estudiosos europeus e americanos aparecem em maior número. Três eixos presidiam a organização das entrevistas: história das ideias e das práticas; planejamento e prática da ciência aplicada; criatividade humana e seu contexto de desenvolvimento. A técnica da narrativa autobiográfica foi utilizada com o objetivo de propiciar a auto-compreensão e, com isso, possibilitar o entendimento mútuo para melhorar a comunicação entre campos de pensamento e prática distintas.

Criatividade humana e contexto

- 29 Um conjunto de trabalhos de Anne Buttimer nos anos 1970 e 1980 teve como temas a razão, a racionalidade e a criatividade humanas (Buttimer 1979a, 1979b, 1983a, 1983b). Tais trabalhos são subsidiários das prerrogativas e dos resultados do *Dialogue Project* ao longo dos anos de entrevistas autobiográficas. Não se pode afirmar que esta tenha sido uma pesquisa desvinculada dos demais projetos concebidos por Buttimer em seu período de maior relação com os geógrafos da *Lund University*. Em um texto sobre racionalidade e criatividade humanas, Buttimer (1979a) começa enfatizando que, a despeito do encantamento ocidental no século XX com as tecnologias e suas implicações práticas para o planejamento, as experiências e ideias do espaço são amplamente ignoradas. O planejamento e as experiências cotidianas da vida das pessoas estariam cada vez mais distantes, segundo a constatação da autora. A racionalidade, por conseguinte, tem se apegado à pretensa objetividade do planejamento, das generalizações estatísticas e da verificação lógico-matemática, deixando de lado as peculiaridades de situações específicas.
- 30 Embora seja um desafio captar as particularidades da experiência de vida sem deixar de lado os horizontes mais gerais do conhecimento, Buttimer (1979a) sugere que o procedimento autobiográfico pode nos encorajar a buscar soluções criativas. Afinal, se nossa experiência no mundo se dá através de nossas ações no meio, devemos tornar consciente essa relação entre o conteúdo da vida e o mundo onde a experiência ganha sentido. Essa reflexão remete àquela do mundo vivido que, como Seamon (1980) faria um ano depois, Buttimer (1979b) desenvolve a partir do conceito de *Lebenswelt*.
- 31 Ao aliar o *Lebenswelt* à noção geográfica de gênero de vida e tendências habituais de um povo nas experiências cotidianas, a autora questiona se o mundo vivido não seria, então, constituído com base na tensão entre os níveis de ideias e valores (noosfera), da ação e das rotinas têmporo-espaciais de interação (sócio-tecnosfera) e dos ritmos do corpo no meio (biosfera). Seja por essa ou por outras vias, o geógrafo que busca estudar os tipos de experiência de vida no mundo deve começar a investigação pela própria biografia, conforme Gomes (1996) já havia enunciado sobre o projeto humanista de Buttimer (1979b).
- 32 Uma relação entre a perspectiva biográfica de Buttimer (1983b) no relatório do evento de Sigtuna (1978) e a concepção de criatividade de Törnqvist (2004) é importante para evidenciar, a exemplo do que será feito adiante entre Seamon (1980) e Pred (1979), que os embates entre gerações sobre a pesquisa da vida cotidiana retroalimentam as próprias perspectivas teóricas de sua composição. O objetivo de Gunnar Törnqvist (2004), que também é um geógrafo associado aos estudos em Lund, em *Creativity in time and space* é identificar características dos meios onde os indivíduos criativos desenvolvem e comunicam suas capacidades. Como os meios (*milieux*) forjam a criatividade e promovem a renovação na arte e na ciência? Essa é a questão motriz do artigo de Törnqvist (2004). Tendo como base empírica as trajetórias biográficas de laureados do Prêmio Nobel, o autor traça os percursos mundiais desses indivíduos e chega à constatação de que mobilidade e criatividade favorecem uma série de processos criativos.
- 33 A criatividade se distancia dos mecanismos de difusão de inovações tão arduamente estudados por Hägerstrand nos anos de 1950 (Törnqvist, 2004). Basicamente, o autor

considera a criatividade como um agrupamento de novas ideias que surgem das experiências em conexão com o meio circundante; este processo, ao menos no âmbito de uma disciplina, geralmente é fruto da criatividade coletiva e não da individual. É justamente essa prerrogativa da criatividade coletiva que nos estimula a analisar a trajetória de Anne Buttimer a partir de suas conexões com outros meios, geógrafos e perspectivas teóricas. São todos esses contatos, e não o meio descolado das pessoas, que são responsáveis pelos processos criativos. Assim se desenvolve a perspectiva de Törnqvist (2004), segundo a qual a mobilidade e uma rede de troca de informações são os alicerces para qualquer ambiente criativo.

- 34 Com base na mencionada análise dos registros biográficos dos laureados do Prêmio Nobel, Törnqvist (2004) faz um levantamento das informações que aparecem em todos: infância, juventude, ensino superior, mudanças no local de trabalho, inspirações pessoais, entre alguns outros. O autor, então, operacionaliza os princípios da *time-geography* para examinar a relação convergente ou divergente entre lugares de produção científica e processo criativo dos laureados. Essa análise possibilita ao autor elencar um conjunto de meios a que estão associados, ao menos nas narrativas biográficas dos laureados, os processos criativos: lugares de agrupamento de especialistas; ambientes que facilitam a troca de informações e as reuniões; instabilidade estrutural e possibilidade de romper com os padrões de estabelecimento consolidados, perspectiva também apontada por Buttimer (Maddrell, 2009); e, por fim, a mobilidade de indivíduos criativos.
- 35 O evento de Sigtuna (1978) foi o marco para o *Dialogue Project* e a publicação resultante do seminário é aquele texto de Buttimer (1983b) que será pareado com o de Törnqvist. Nesse evento, os indivíduos de diversas especialidades estavam reunidos para discutir duas temáticas amplas: “Criatividade e Contexto” e “Religião, Arte e Sociedade”. O primeiro eixo continha ainda questões específicas sobre como a vida cotidiana e a rotina poderiam fundamentar a criatividade pessoal. A criatividade, tanto em Buttimer (1983b) como em Törnqvist (2004), somente poderia ser apreciada em termos contextuais, e a personalidade criativa deveria ser integrada ao meio e à história social e intelectual para melhor ser compreendida. Ao invés de debates teóricos sobre criatividade, conforme já descrito, os autores foram convidados a discutir sobre suas experiências de carreira.
- 36 A criatividade, conforme Buttimer (1983a; 1983b), era a capacidade de mobilizar recursos da vida no ambiente, e sua análise demandou a investigação de quatro grandes eixos. O primeiro era o contexto, composto por eventos e ideias predominantes no século XX. Em segundo lugar, vinha a trajetória de vida, que definiria as experiências (profissionais, estéticas, políticas e pessoais), lugares e eventos da vida que eram considerados trampolins criativos na vida dos sujeitos. Em terceiro lugar, temos as interações, qual ambiente social, institucional, teórico e pessoal, que davam tom às experiências dos indivíduos. Finalmente, o último aspecto era o lugar da prática científica, ou seja, como a experiência cotidiana do ambiente de trabalho oferecia condições propícias à criatividade. Törnqvist (2004), que também participou do seminário de Sigtuna, possui uma compreensão de análise da criatividade na vida cotidiana que se aproxima muito da de Buttimer (1983a, 1983b). Apesar de ser um autor geralmente associado a uma suposta perspectiva funcionalista da *time-geography*, ele foi sensível à organização da vida e ambiente cotidianos do lugar de pesquisa.
- 37 Um dos aportes teóricos do *Dialogue Project* é a discussão sobre criatividade e contexto. Ao pensar sobre a própria prática, as ideias e o trabalho científicos podem ser mais bem compreendidos. Olhar para as histórias de vida dos outros pode ajudar na avaliação das

nossas próprias perspectivas profissionais e escolhas da vida (Maddrell, 2009). Por que não convidar colegas seniores para fazer o mesmo, compartilhar suas experiências profissionais? Essa foi a tônica do *Dialogue Project* e do supracitado seminário sobre criatividade de Sigtuna em 1978, do qual um dos resultados foi publicado nos *Lund Studies in Geography – Ser. B Human Geography*, número 50 (Buttimer, 1983b).

- 38 A análise preliminar do material autobiográfico oriundo das entrevistas resultou na tríade teórico-conceitual mencionada anteriormente: significado-metáfora-meio. De forma geral, o significado dizia respeito às preferências de trabalho, ou seja, que tipos de atividade possibilitaram o contexto de criatividade dos indivíduos. Em segundo lugar, temos a metáfora, que corresponde a estilos cognitivos ou modelos de visão do mundo, um modo de ver a realidade que pode variar de pessoa para pessoa ou mesmo ao longo da trajetória de um pesquisador.
- 39 Entre as metáforas mais comuns, há aquela do mundo considerado um sistema mecânico, outra que concebe o mundo como um conjunto de padrões e, ainda, outras que atribuem significado ao mundo como um palco de eventos espontâneos. O meio abrange aqueles ambientes dotados de circunstâncias básicas para a manifestação da criatividade – por exemplo, os contextos político, econômico e social a que estão submetidas as carreiras científicas. As escolhas, portanto, não são apenas pessoais e indicadas pela trajetória individual, mas ditadas também pela estrutura institucional e social mais ampla.
- 40 Apesar dos frutuossos resultados do *Dialogue Project* na compreensão das práticas disciplinares, em sua conseqüente integração dos conhecimentos e na criação de um arquivo de história oral para a investigação em história da geografia, o termo de financiamento do *Swedish Council for Research in the Humanities and Social Sciences* chegou ao fim e Anne Buttimer aceitou o convite para ser professora na *Université d'Ottawa*. Novamente, as trajetórias de Buttimer e Hägerstrand se distanciaram.

Outros encontros e desdobramentos da vida de Buttimer

- 41 Sem dúvida, teria sido bastante proveitoso vasculhar os conhecidos textos de Yi-Fu Tuan (1976), Edward Relph (1970) e Nicholas Entrikin (1976)⁷ para descrever as contribuições de Anne Buttimer à incorporação da perspectiva fenomenológica na geografia. No entanto, diante da sugestão de Otero-Pailos (2010) de não partir de grupos autoidentificados na investigação historiográfica de um campo de conhecimento, como o humanismo fenomenológico em geografia, decidiu-se que as conexões entre autores associados direta e indiretamente à vida de Anne Buttimer na *Lund University* seriam a base da análise de determinados textos.
- 42 Tendo como referência a vida cotidiana e o movimento/deslocamento na vida, temática que perpassa o conteúdo dos três textos discutidos nesta seção, dois grupos foram identificados. A perspectiva fenomenológica congrega um conjunto de textos, particularmente os de Buttimer (1976) e Seamon (1980). O segundo grupo, especificamente o texto de Pred (1979), compõe a perspectiva sistêmico-funcional comumente associada à *time-geography*. A proximidade temática dos autores aparentemente reduz a distância entre os polos, e seu diálogo, ao menos para a história da geografia, parece mais proveitoso em termos teórico-metodológicos do que sua mútua exclusão.

- 43 O texto de Buttimer (1976), intitulado *Grasping the dynamism of lifeworld*, estava sendo escrito enquanto a autora estava na Suécia e já havia sido questionada por Hägerstrand (Maddrell, 2009) sobre a necessidade de uma reflexão temporal em sua compreensão humanista do espaço social e da geografia. A partir do termo *Dwelling* (Heidegger, 2002), a autora se questiona se esta noção, traduzida para o português como “habitação”, poderia fornecer caminhos para a pesquisa na geografia.
- 44 Algumas ideias da fenomenologia – entre elas, as noções de corpo-sujeito e intersubjetividade – são discutidas pela autora para enfatizar o questionamento desta às abordagens positivistas derivadas da cisão sujeito-objeto. O corpo-sujeito teria como foco a relação entre corpo e mundo, como nas formulações de Merleau-Ponty (1999), e a intersubjetividade enfatizaria o diálogo entre pessoa e meio com base na herança cultural. Entre estas duas ideias, Buttimer (1976) desenvolve brevemente a ideia de ritmos têmporo-espaciais como via para a compreensão da dinâmica da experiência no mundo.
- 45 Um item do texto é destinado ao estudo da importância dos ritmos têmporo-espaciais no meio e, para essa discussão, a autora aponta Hägerstrand como um dos críticos da sobreposição da diferenciação espacial sobre o tempo nos estudos geográficos do século XX. Para Buttimer (1976), em consonância com toda a discussão precedente da *time-geography*, o papel fundamental de Hägerstrand foi o de apontar a importância do tempo e da finitude dos povos na análise geográfica. Por mais que o entendimento da experiência humana não possa ser reduzido à geometria, o ponto de vista fenomenológico, segundo a autora, supõe que o espaço é um conjunto dinâmico em que o corpo-sujeito se desloca e busca significado.
- 46 Após descrever o modelo da *time-geography* usando a metáfora do diagrama, Buttimer (1976) o considera uma ferramenta importante para a investigação do dinamismo dos ambientes diários. Afinal, o dinamismo só é possível com o movimento e as consequentes atividades executadas por uma pessoa em sua vida diária. Ainda assim, a autora considera a *time-geography* um modelo assentado em um prisma funcional, topológico e indiferenciado espacialmente. O mundo não é somente substrato indiferenciado; pode até ser em algumas ocasiões, mas a contribuição do geógrafo reside exatamente no desvelamento do papel do “mundo” na experiência da vida cotidiana.
- 47 O comportamento no espaço e no tempo pode indicar padrões superficiais, mas a profundidade do dinamismo da experiência individual e coletiva não é apreendida nesse nível de análise. Nesse caso, a fenomenologia seria fundamental para que o indivíduo, no exame de sua própria experiência, pudesse compreender melhor as experiências alheias (Buttimer, 1976). Essa é simplesmente a base do procedimento autobiográfico do *Dialogue Project* e de outros projetos desenvolvidos por Anne Buttimer com Torsten Hägerstrand, como o já citado livro *Geographers of Norden*.
- 48 Buttimer (1976) continua e, para a nossa análise, alcança o ápice: “A experiência pessoal tem-me demonstrado como os resíduos dos ritmos e rotinas anteriores, no meu relacionamento com a natureza, espaço, tempo e pessoas, têm influenciado minha avaliação de um novo meio ambiente” (Buttimer, 1982b: 188). Nesse sentido, além de traçar as rotas desenhadas no espaço-tempo e definir os limites institucionais de encontro entre indivíduos, a fenomenologia possibilitaria esse retorno às experiências passadas como fundamento do presente. A vida de um indivíduo é muito mais que as coordenadas geográficas e históricas de uma rede indistinta; a experiência é diferenciada e somente uma geografia dos diversos ritmos poderia descrever a experiência do mundo vivido.

- 49 Buttimer (1976) opõe abordagens científicas e humanistas, certamente, mas não recusa o diálogo entre elas. Antes pelo contrário, a perspectiva humanista convida ao diálogo as dualidades postas pela herança científica ocidental: mente e ser, intelectual e moral, arte e ciência. Da mesma maneira, a *time-geography*, que possui claramente uma validade do ponto de vista administrativo (Buttimer, 1976) e do planejamento, poderia contribuir para a reflexão fenomenológica do ser-no-mundo e do comportamento cotidiano das pessoas. Não se pode esquecer que Anne Buttimer, durante toda a sua trajetória, não cessou de investigar vias de pesquisa para o planejamento urbano e espaço social de áreas residenciais, fazendo eco às suas pesquisas dos anos de 1960.
- 50 As noções de intersubjetividade e corpo-sujeito são apresentadas por Buttimer (1976) como potenciais de conexão entre geografia e fenomenologia, sendo que esta última é analisada por Seamon (1980) em conexão com as rotinas cotidianas e merece atenção. Não é nosso objetivo desenvolver as diferenças teórico-filosóficas da fenomenologia, mas cabe ressaltar, ao menos na perspectiva desses autores, que corpo e mundo não são separados e uma das bases fenomenológicas é a superação desse dualismo. Se a fenomenologia busca se distanciar dos apriorismos e compreender as coisas como elas são no mundo, e uma das tarefas da geografia é descrever e compreender como os povos vivem em seus lugares, espaços e ambientes cotidianos, Seamon (1980) se aproxima de Buttimer (1976) e utiliza a noção de *dweeling* para caracterizar a geografia fenomenológica: uma geografia da experiência humana na Terra.
- 51 Um dos modos de experienciar cotidianamente o espaço é o movimento, o deslocamento do corpo no mundo. *Body-subject, time-space routines and place-ballets*, o texto de Seamon (1980) que referenciamos, faz parte da coletânea organizada por ele e por Buttimer a que nos referimos anteriormente (Buttimer & Seamon, 1980). Vale lembrar, com isso, que essa obra foi impulsionada por Hägerstrand e surgiu do intercâmbio contínuo entre Anne Buttimer, seus alunos americanos e os correspondentes suecos da *Lund University*, universidade em que Buttimer trabalhava como professora visitante concomitantemente à *Clark University*.
- 52 A questão central de Seamon (1980) é como explorar o movimento cotidiano no mundo da vida. Nesse texto, o autor desenvolve sua argumentação de modo a solapar duas abordagens convencionais do movimento diário, a saber: comportamental, que considera o movimento do indivíduo em termos de estímulo-resposta ao ambiente; cognição espacial, abordagem que defende a dependência, por parte do deslocamento, de processos cognitivos como pensamento e decisão. Grosso modo, estas duas abordagens correspondem ao empirismo e ao intelectualismo, ao passo que a fenomenologia se postaria na contramão de ambas. O movimento da fenomenologia é de retorno à essência do deslocamento como experiência do indivíduo nos projetos habituais da sua vida.
- 53 Para substanciar a noção de corpo-sujeito,⁸ Seamon (1980) faz menção à intencionalidade corporal (Merleau-Ponty, 1999) e a caracteriza como a capacidade do corpo para comportamentos imediatos. Como o corpo possui atitudes naturais, e nem toda atitude é resultado de uma consciência prévia à ação, o corpo não é inerte e sem agência como sugerem as abordagens convencionais do movimento. Não há necessidade contínua de planejamento de comportamentos (Seamon, 1980), visto que o corpo também é ação, ele também age sobre as necessidades do indivíduo no mundo e sugere comportamentos que perpassam a consciência. Essa noção do corpo-sujeito é garantia de que ações e movimentos de experiências passadas não precisarão passar novamente pela consciência,

abrindo espaço para a criatividade dos sujeitos para gestos não-mundanos (Buttimer, 1976).

- 54 Seamon (1980) descreve um conjunto de conceitos para abrigar suas proposições sobre o corpo-sujeito. Um deles são as rotinas têmporo-espaciais (*time-space routines*), termo que sintetiza o conjunto habitual de padrões corporais, rotinas que se aproximam de atividades não-conscientes e por esse motivo são essenciais na vida cotidiana das atitudes naturais. O segundo conceito   o *place-ballet*, expressão que pode ser traduzida como lugar-coreografia,⁹ e distingue a conexão de muitas rotinas têmporo-espaciais nos lugares e sustentam uma determinada forma de expressão. Essa forma de expressão, por fim, foi denominada pelo autor de *body-ballet*. Tais lugares não são apenas coordenadas isométricas percorridas por um corpo, mas lugares densos de significados sem reflexão consciente, um verdadeiro compósito de atitudes naturais.
- 55 O ritmo e dinamismo do lugar de que falava Buttimer (1976) decorrem, ao menos para Seamon (1980), dos diversos padrões espaciais e temporais da experiência das pessoas em um ponto de encontro. Para finalizar, o autor enfatiza a necessidade de o geógrafo reconhecer que a terra   ligada ao corpo e os lugares constituem um todo orgânico a partir da matéria-prima do meio e das pessoas envolvidas em sua composi o.   esse o aspecto que aguardávamos para trazer   baila mais um personagem: Allan Pred e seu texto *The academic past through a time-geographic looking glass* (Pred, 1979).
- 56 Esse texto de Pred (1979), que trabalhou durante os anos 1970 e 1980 com Torsten H gerstrand, Nigel Thrift e outros estudiosos da *time-geography*,¹⁰   bem curto, e sua tese   de que o conteúdo de uma vida e os atributos espaciais e temporais de uma trajetória individual são moldados por uma sequência de processos. Entre esses processos, o autor cita as fun es institucionais assumidas por um indivíduo ao longo da vida; afinal, as fun es institucionais definem lugares que os indivíduos poderão acessar, fazendo referências às restri es de acesso da *time-geography* (H gerstrand, 1970; Thrift, 1977). Sem a possibilidade de citar Seamon (1980), que publicou seu texto um ano depois, mas citando Buttimer (1976) e H gerstrand (1970), Pred (1979) faz referência   *time-geography* para pensar a trajetória de seus próprios escritos na geografia.
- 57 Segundo Pred (1979), como os escritos acadêmicos estão inexoravelmente ligados ao passado, o conteúdo de cada obra seria distinto se a trajetória de vida do indivíduo estivesse ligada a fun es e posi es institucionais diferentes no passado. A participa o em esta es específicas no tempo-espço requer a sincroniza o e convergência das trajetórias dos projetos de outras pessoas e objetos inanimados com as nossas próprias. O autor, ao fazer a leitura do próprio passado acad mico, lança mão dos contatos pessoais cotidianos, ideias veiculadas em determinados lugares, seu primeiro contato com ideias, livros, artigos e impulsos informacionais coletivos.
- 58 Uma trajetória acadêmica   a combina o desses elementos e, além disso, está enraizada no conteúdo da vida, porque cada situa o do presente está inextricavelmente vinculada a situa es passadas, aspecto em que Pred (1979) e Seamon (1980) se aproximam ainda mais, em termos teóricos, dos escritos de Anne Buttimer. Segundo van Paassen (1981), H gerstrand faz renascer uma concep o do indivíduo como corpo dotado de história, com um percurso; esta tradi o, ao remontar   geografia *vidaliana* (Van Paassen, 1981), retoma t mbe m a associa o entre indivíduo-meio-situa o como conceitos interdependentes na geografia.

- 59 A corporificação do indivíduo ocorre no tempo e no espaço, ela é a biografia cumulativa de realizações que estão assentadas no presente e enraizadas no passado do corpo que desenha seu caminho no tempo-espaço. Vale ressaltar que é de Vidal de la Blache e do gênero de vida a inspiração de Buttimer (1976, 1979b) para o estudo dos padrões cotidianos de comportamento e interação na experiência dos lugares. Somando àquela mesma complementaridade entre a abordagem da criatividade de Buttimer (1979a) e Törnqvist (2004), esta é a segunda interseção entre sujeitos que avaliam a vida cotidiana sob prismas distintos.

Algumas considerações

- 60 Esta seção, com ares conclusivos, busca ordenar toda a profusão de argumentos elaborados e desenvolvidos sobre Buttimer. No entanto, diferentemente das conclusões tradicionais, nas quais é considerada uma gafe a citação de livros e autores, faremos menções diretas a três escritos específicos de Anne Buttimer: *On people, paradigms, and 'Progress' in Geography* (Buttimer, 1981); a introdução de *The Practice of Geography* (Buttimer, 1983a); e a introdução e o capítulo inicial de *Geography and the Human Spirit* (Buttimer, 1993). Ao contrário dos demais textos, estes são considerados balizadores do pensamento e prática geográficos de Anne Buttimer nos anos de 1970 e 1980. Esses trabalhos da autora não serão diretamente discutidos, mas as perspectivas teóricas por eles abertas serão ilustradas à medida da síntese da trajetória deste texto.
- 61 As contribuições dos referidos textos de Buttimer (1981, 1983a, 1993) são diversas e estão em conexão com o projeto maior de suas investigações da vida cotidiana de pesquisadores. O primeiro aspecto a ser destacado é a reciprocidade entre abordagens paradigmáticas, ou de grandes padrões do pensamento, com abordagens biográficas e autobiográficas. Embora uma história da geografia embasada em termos paradigmáticos tenha um potencial enorme na criação de identidades disciplinares, sua ênfase reside na análise do produto da ciência e não no processo da ciência sendo feita. Nesse sentido, como a ciência é feita em algum lugar e a experiência cotidiana do sujeito-corpo não se separa do meio na qual ocorre, o pensamento geográfico é também fruto da experiência no meio.
- 62 Uma abordagem da história da geografia preocupada com o processo da prática científica, e não simplesmente com seus produtos, deve se concentrar no trabalho cotidiano de indivíduos que contribuíram para o pensamento geográfico, geógrafos ou não. Os padrões gerais não devem ser relegados ao esquecimento, mas estes não devem se constituir como a única matriz de pesquisa da história do pensamento geográfico. Além disso, a busca da mediação entre as perspectivas macro e micro da historiografia disciplinar deve ser uma constante na análise biográfica de trajetórias individuais. O indivíduo, como ser-no-mundo e corpo no lugar, não pode *ser* sem que haja uma interação com outros indivíduos e objetos do seu meio em um determinado momento. Experiência e conhecimento, portanto, não são compartimentos estanques, e uma abordagem biográfica à história da geografia demanda a investigação das experiências de geógrafos particulares no contexto de sua trajetória têmporo-espaçial.
- 63 As ideias geográficas também estão associadas a coordenadas de tempo e espaço, às convergências de condições que ajustam o “meio”, ou contexto ambiental, ideal para o surgimento das condições de criatividade. O pensamento geográfico – e,

consequentemente, sua historiografia –, ao se constituir a partir de coreografias de corpo e lugar, também pode ser analisado segundo uma chave interpretativa que enfatiza a experiência nos lugares e os ritmos têmporo-espaciais que possibilitam a troca de informações e a comunicação intersubjetiva. Rastreia-se a história das trajetórias com base nos relatos autobiográficos e biográficos, que são fontes fundamentais para uma história da disciplina que não se resume a apriorismos e pressuposições.

- 64 Eventos, encontros, livros, textos e experiências pessoais de diversas naturezas são alguns dos indícios dos fatores que podem moldar o pensamento, ou, ao menos, serem consideradas por quem relata a experiência como tendo essa função. Embora a história do pensamento seja também a análise dos produtos da ciência, a integração com as abordagens biográficas deve ter como foco as situações concretas da experiência cotidiana do indivíduo que faz a ciência e não apenas a narrativa biográfica das realizações individuais por si sós. A experiência de meios específicos de criatividade em períodos do tempo dá sentido aos conteúdos que compõem a trajetória individual.
- 65 Separados por dez anos entre uma e outra publicação, a coletânea de autobiografias selecionadas do *Dialogue Project* e do *The practice of geography* (Buttimer, 1983a) e a análise desse material autobiográfico em *Geography and the Human Spirit* (Buttimer, 1993) expressam esse programa de pesquisa em história do pensamento que se embasa na prática geográfica, na experiência cotidiana de indivíduos que se desdobra em jornadas de vida em contextos e meios específicos.
- 66 Quando Buttimer (1982, 1983a, 1993) identifica “significado”, “metáfora” e “meio”¹¹ como os três grandes aspectos recorrentes na história de cada autor, não quer dizer que não possamos identificar outros valores e novas grades de interpretação da trajetória de uma vida de pesquisa. Ampliar a análise para além dos meios de expressão escrita da prática geográfica poderia ser um destes caminhos a seres percorridos pela historiografia. Buttimer (1983a) sugere, para isso, o estudo do caráter moral, artístico e estético dos estilos descritivos e explicativos; essa tarefa, somente a título de exemplo, poderia ser proposta a partir da análise do significado das imagens na prática geográfica de determinado geógrafo ou conjunto de geógrafos.
- 67 Os grandes padrões, que podem ser definidos por paradigmas, instituições, limites nacionais, cronologia, temas de pesquisa e outros diversos parâmetros gerais, podem deixar de lado a caracterização intersubjetiva da prática cotidiana de pesquisa que dá sentido à história do campo. A história de vida, as biografias e autobiografias podem focalizar as conexões entre a atividade científica individual e a construção social do pensamento e prática. Mesmo não podendo ter mais acréscimos, a trajetória vivida por Anne Buttimer pode ser contada e recontada das mais diversas maneiras e, se muito já foi apresentado a respeito de seu envolvimento com o existencialismo e a fenomenologia, talvez seja o momento de serem escritas outras narrativas sobre essa geógrafa.

BIBLIOGRAFIA

- Alcoforado, Maria João; Clout, Hugh (2015). "Anne Buttimer, prémio internacional de geografia 'Vautrin Lud'" 2014, *Finisterra*, n. 99, pp. 149-153.
- Buttimer, Anne (1969). "Social Space in Interdisciplinary Perspective". *Geographical Review*, v. 59, n. 3, pp. 417-426.
- Buttimer, Anne (1976). "Grasping the dynamism of lifeworld". *Annals of the Association of American Geographers*, v. 66, n. 2, pp. 277-292.
- Buttimer, Anne (1979a). "Reason, rationality, and human creativity". *Geografiska Annaler. Series B, Human Geography*, v. 61, n. 1, pp. 43-49.
- Buttimer, Anne (1979b). "Le temps, l'espace et le monde vécu". *L'espace géographique*, VIII, n. 4, p. 243-254.
- Buttimer, Anne (1980a). "Home, reach and the sense of place". In: Buttimer, Anne; Seamon, David (eds.). *The Human Experience of Space and Place*. London: Croom Helm, pp. 166-187.
- Buttimer, Anne (1980b). *Sociedad y medio en la tradición geográfica francesa*. Barcelona: Oikos-tau.
- Buttimer, Anne (1981). "On people, paradigms, and 'Progress' in Geography". In: Stoddart, David (ed.). *Geography, ideology, and social concern*. Oxford: Basil Blackwell, pp. 81-98.
- Buttimer, Anne (1982a). "Musing oh Helicon: Root Metaphors and Geography". *Geografiska Annaler. Series B, Human Geography*, v. 64, pp. 89-96.
- Buttimer, Anne (1982b). "Apreendendo o dinamismo do mundo vivido". In: Christofletti, Antonio (org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, pp. 165-194.
- Buttimer, Anne (1983a). *The practice of geography*. London: Longmans.
- Buttimer, Anne (1983b). "Creativity and context". *Lund: Lund Studies in Human Geography*, Ser. B, n. 50.
- Buttimer, Anne (1987a). "A social topography of home and horizon: the misfit, the dutiful, and longing for home". *Journal of Environmental Psychology*, n. 7, pp. 307-319.
- Buttimer, Anne (1987b). "Life experience as catalyst for cross-disciplinary communication (Utilisation d'interviews vidéo de geographes dans le cadre d'un projet de communication pluridisciplinaire)". *Bulletin de l'Association de géographes français*, v. 64, pp. 75-79.
- Buttimer, Anne (1993). *Geography and the Human Spirit*. Baltimore, MD: The Johns Hopkins University Press.
- Buttimer, Anne (2001a). "Home-Reach-Journey". In: Moss, Pamela (ed.). *Placing autobiography in geography*. Syracuse, NY: Syracuse University Press, pp. 22-41.
- Buttimer, Anne (2001b). "Stories on the Making of Geography in Sweden". In: Dunbar, Gary S. (ed.). *Geography: Discipline, Profession and Subject since 1870. An International Survey*, pp. 191-223.
- Buttimer, Anne (2005). "Edgar Kant (1902-1978): A Baltic Pioneer". *Geografiska Annaler. Series B, Human Geography*, v. 87, n. 3, pp. 175-192.

- Buttimer, Anne (2007). "Torsten Hägerstrand 1916-2004". In: Lorimer, Hayden; Withers, Charles (eds.). *Geographers: Biobibliographical Studies*, volume 26, London: Continuum, pp. 119-157.
- Buttimer, Anne (2015). "Lar, horizontes de alcance e o sentido do lugar". *Geograficidade*, Grupo de Pesquisa Geografia Humanista e Cultural, v. 5, n. 1, pp. 4-19.
- Buttimer, Anne (2016). "Retirement? You Must Be Joking". *The arab world geographer*, v. 19, n. 1-2, pp.27-36.
- Buttimer, Anne; Seamon, David (eds.). (1980). *The Human Experience of Space and Place*. London: Croom Helm, 1980.
- Christofoletti, Antonio (org.) (1982). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL.
- Clout, Hugh (2017). "Obituary. Anne Buttimer. 31 October 1938-15 July 2017". *The Geographical Journal*, v. 183, n. 4, pp. 455-456.
- Entrikin, Nicholas (1976). "Contemporary Humanism in Geography". *Annals of the Association of American Geographers*, v. 66, n. 4, pp. 615-632.
- Ferretti, Federico (2017). "Anne Buttimer (Cork, 1938 – Dublin, 2017): Obituary". *Investigaciones Geográficas*, n. 94, pp. 34-38.
- Gomes, Paulo Cesar da Costa (1996). *Geografia e Modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Hägerstrand, Torsten (1970). "What about People in Regional Science?" *Regional Science Association Papers*, v. XXIV, pp. 7-21.
- Hägerstrand, Torsten; Buttimer, Anne (eds.) (1988). *Geographers of Norden*. Reflections on career experiences. Lund: Lund University Press.
- Heidegger, Martin (2002). *Ensaios e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco.
- Holzer, Werther (2016). *A geografia humanista: sua trajetória 1950-1990*. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2016.
- Lowenthal, David (1965). "1965 AAG Meeting: Columbus". *The Professional Geographer*, v. 17, n. 1, p. 14.
- Maddrell, Avril (2009). "An interview with Anne Buttimer: an autobiographical window on geographical thought and practice 1965-2005". *Gender, Place and Culture*, v. 16, n. 6, pp 741-765.
- Mello, João Baptista Ferreira de (2005). "Valores em geografia e o dinamismo do mundo vivido na obra de Anne Buttimer". *Espaço e Cultura*, UERJ, n. 19-20, pp. 33-40.
- Mels, Tom (2004). "Anne Buttimer". In: Hubbard, Phil; Kitchin, Rob. (eds.). *Key Thinkers on Space and Place*, 2nd ed. London: Sage, pp. 91-97.
- Merleau-Ponty, Maurice (1999). *Fenomenologia da Percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. edição. São Paulo: Martins Fontes.
- Moss, Pamela (ed.) (2001). *Placing autobiography in geography*. Syracuse, NY: Syracuse University Press.
- Otero-Pailos, Jorge (2010). *Architecture's Historical Turn: Phenomenology and the Rise of the Postmodern*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.
- Pred, Allan (1979). "The academic past through a time-geographic looking glass". *Annals of the Association of American Geographers*, v. 69, n. 1, pp. 175-180.

- Pred, Allan; Törnqvist, Gunnar (1981). *Space and time in geography: Essays dedicated to Torsten Hägerstrand*, Lund, Sweden: CWK Gleerup.
- Relph, Edward. (1970). "An inquiry into the relations between phenomenology and geography". *Canadian Geographer*, XIV, n. 3, pp. 193-201.
- Seamon, David (1980). "Body-subject, time-space routines and place-ballets". In: Buttimer, Anne; Seamon, David (eds.). *The Human Experience of Space and Place*. London: Croom Helm, pp. 148-165.
- Seamon, David (2017). "Remembering Anne Buttimer (1938-2017)". *Environmental & Architectural Phenomenology*, v. 28, n. 2, pp. 5-6.
- Thrift, Nigel (1977). "An Introduction to Time-Geography". *Concepts and Techniques in Modern Geography* (Institute of British Geographers), n. 13, pp. 3-37.
- Törnqvist, Gunnar (2004). "Creativity in time and space". *Geografiska Annaler. Series B, Human Geography*, v. 86, n. 4, pp. 227-243.
- Tuan, Yi-Fu (1976). "Humanistic geography". *Annals of the Association of American Geographers*, v. 66, n. 2, pp. 266-276.
- Van Paassen, Christiaan (1981). "The philosophy of geography: from Vidal to Hägerstrand". In: Pred, Allan. Törnqvist, Gunnar. *Space and time in geography: Essays dedicated to Torsten Hägerstrand*, Lund, Sweden: CWK Gleerup, pp. 17-29.

ANEXOS

Bibliografia selecionada de Anne Buttimer

- Buttimer, Anne (1976). "Grasping the dynamism of lifeworld". *Annals of the Association of American Geographers*, v. 66, n. 2, pp. 277-292.
- Este artigo, um dos poucos trabalhos de Anne Buttimer traduzidos para o português (Christofoletti, 1982), é considerado um dos marcos da orientação fenomenológico-humanista na geografia. Longe de somente conter uma crítica à perspectiva funcional dos sistemas espaciais neopositivistas, Buttimer também questiona, a partir do existencialismo e da fenomenologia, algumas divisões artificiais que estreitam os horizontes da investigação intelectual. Entre tais divisões, a autora discute os seguintes pares: corpo-mundo, mente-ser, intelectual-moral, verdadeiro-bom e objetivo-subjetivo.
- Buttimer, Anne. (1981). "On people, paradigms, and 'Progress' in Geography". In: Stoddart, David (ed.). *Geography, ideology, and social concern*. Oxford: Basil Blackwell, pp. 81-98.
- Nos anos 1980, década em que os historiadores da geografia buscavam alternativas às limitações impostas pela leitura paradigmática do passado disciplinar, Buttimer (1981) apresenta sua proposta de combinação entre abordagens paradigmáticas e autobiográficas para a investigação histórica e filosófica do conhecimento geográfico. Na compreensão da autora, o meio de vida (intersubjetivo) e as visões pessoais interagem na constituição histórica das ideias humanas.
- Buttimer, Anne. (1983a). *The practice of geography*. London: Longmans.
- Publicada por Buttimer em 1983, esta coletânea apresenta histórias autobiográficas, escritas por geógrafos e geógrafas de nacionalidades variadas, que versam sobre práticas geográficas cotidianas. Os autores de cada capítulo do volume, que já haviam sido

entrevistados no âmbito do *Dialogue Project*, descrevem a configuração dos contextos e experiências em que sua vida profissional se desenrolou; longe dos estereótipos paradigmáticos, das escolas nacionais ou determinações cronológicas, os profissionais exploram as conexões entre suas experiências de vida e seus trabalhos publicados.

Buttimer, Anne. (1983b). "Creativity and context". *Lund: Lund Studies in Human Geography*, Ser. B, n. 50.

Apesar de publicado nos anos 1980, este trabalho contém uma síntese das contribuições apresentadas no Seminário de Sigtuna, na Suécia, que foi organizado por Anne Buttimer em 1978. Nos anos 1970, Buttimer já reconhecia na reflexão autobiográfica um caminho frutuoso para a comunicação eficaz entre campos disciplinares e formas de pensamento distintas. Para balizar os impactos da criatividade e do contexto em seu trabalho acadêmico, os depoentes organizaram as reflexões sobre sua trajetória profissional em torno de quatro pontos: 1) Grandes eventos e ideias correntes durante sua formação, ocorrida no século XX; 2) Principais projetos, eventos e períodos da vida; 3) Redes pessoais e sociais, reuniões e eventos de interação profissional; 4) Natureza e configuração das tarefas cotidianas.

Buttimer, Anne. (1993). *Geography and the Human Spirit*. Baltimore, MD: The Johns Hopkins University Press.

Ainda se devotando ao estudo dos caminhos individuais de acadêmicos, Anne Buttimer (1993) faz uma seleção de entrevistas do *Dialogue Project* e tem como base a discussão de três temas, que acabaram por se tornar um quadro analítico para a interpretação da história do pensamento geográfico: 1) Significado; 2) Metáfora; 3) Meio. Ao interpretar o material autobiográfico de acadêmicos, Buttimer desenvolve uma explicação aprofundada de quatro metáforas e suas visões de mundo decorrentes que dominaram pensamento e prática geográficos no Ocidente, a saber: o mundo como mosaico, como sistema mecânico, como uma totalidade orgânica e como uma arena de eventos.

NOTAS

1. Anne Buttimer, inclusive, assina uma biobibliografia sobre Torsten Hägerstrand, publicada no volume 26 da série *Geographers: Biobibliographical Studies* (Buttimer, 2007).

2. Intitulado *A social topography of home and horizon: The Misfit, The Dutiful, and Longing for Home* (Buttimer, 1987a), o ensaio autobiográfico de Buttimer (2001a) havia sido publicado no *Journal of Environmental Psychology* em 1987. O título do ensaio publicado em 2001 (*Home-Reach-Journey*) se assemelha ao capítulo oito de Buttimer & Seamon (1980), que tem como título *Home, Reach, and Sense of Place* (Buttimer, 1980a) e foi traduzido para o português por Letícia Pádua na Revista Geograficidade (Buttimer, 2015). Em termos de conteúdo, apenas Buttimer (1987a) e Buttimer (2001a) se aproximam; o texto de 1980 é aquele que mais se distancia dos demais.

3. Alguns autores, como Christian van Paassen (1981) e Buttimer (2001b), apontam a relevância e proeminência de Torsten Hägerstrand na modernização da geografia após a Segunda Guerra Mundial, não apenas na geografia sueca mas também nos Estados Unidos da América, país em que Hägerstrand assumiu cargos como professor visitante nos anos de 1960.

4. Apesar de optarmos pelo uso da expressão *Dialogue Project* neste texto, o mesmo projeto também aparece nominado na literatura como *The International Dialogue Project* e *International Dialogue Project*.

5. A expressão original advém do termo francês *milieu*. Sempre que utilizarmos a palavra “meio” neste texto, ao menos quando nos referirmos à concepção de Anne Buttimer, o referente original é *milieu*.
 6. Torsten Hägerstrand e Anne Buttimer desenvolveram um arquivo audiovisual e textual completo do *Dialogue Project* na *Lund University*. Além disso, o sítio online da *University College Dublin*, última instituição de Anne Buttimer até sua aposentadoria, possui um sumário com informações gerais da pesquisa e das entrevistas (ver: <https://www.ucd.ie/geography/research/lifeexperienceascatalystforcross-disciplinarycommunication/>) e o sítio online da *International Geographical Union* no *YouTube* hospeda uma parte substantiva do material audiovisual das entrevistas feitas com geógrafos no âmbito do *Dialogue Project* (ver: *IGU Channel/YouTube*).
 7. Vide o livro de Werther Holzer (2016) para uma minuciosa análise da trajetória da geografia humanista de 1950 até 1990. Para um breve panorama da inserção de Anne Buttimer na perspectiva humanista, destaca-se o artigo de João Baptista Mello (2005).
 8. A expressão em inglês é *body-subject*, mas optamos por utilizar a mesma tradução que aquela utilizada na versão de Buttimer (1976) no livro “*Perspectivas da Geografia*”, editado por Antonio Christofolletti (1982).
 9. O termo *ballet* não significa literalmente “coreografia”, mas dança ou corpo de baile. Portanto, o autor utiliza o termo *choreography* apenas uma vez para descrever a relação entre o corpo e lugar.
 10. Allan Pred também participou do Seminário de Sigtuna e apresentou, assim como Gunnar Törnqvist, a importância das redes de comunicação e interação nos processos de criatividade.
 11. Uma das aplicações da chave interpretativa significado-metáfora-meio foi feita por Buttimer (2005) em seu estudo sobre o geógrafo e economista estoniano, com passagem por Lund e impacto na geografia sueca dos anos de 1940 e 1950 (Buttimer, 2001b), Edgar Kant (1902-1978).
-

RESUMOS

Anne Buttimer é uma das geógrafas mais conhecidas da história da disciplina na segunda metade do século XX. Desde os anos 1970, com o desenvolvimento e difusão das abordagens fenomenológicas da geografia, o nome de Buttimer apareceu intimamente ligado à recepção do humanismo fenomenológico na ciência geográfica. As pesquisas de Buttimer, principalmente aquelas dedicadas ao desenvolvimento de modelos teóricos e procedimentos metodológicos para a investigação histórica do pensamento geográfico, extrapolam em demasia as contribuições da autora à incorporação de um certo tipo de fenomenologia na geografia. Levando em consideração um período de aproximadamente uma década, entre os anos 1970 e 1980, este texto tem por objetivo narrar e discutir de que maneira Buttimer se dedicou de forma voraz à pesquisa sobre a história do pensamento geográfico. Ao mesmo tempo em que fazem parte da história da disciplina, as pesquisas de Buttimer desenvolvem quadros analíticos e conceituais para analisarmos tal história. No projeto intitulado *Dialogue Project*, a autobiografia, as trajetórias de vida e a história oral foram as principais ferramentas operacionalizadas por esta geógrafa em sua proposta de reconhecer e explicar a diversidade de visões sobre o mundo – e, assim, facilitar a comunicação entre os profissionais.

Anne Buttimer is one of the most renowned geographers in the history of the discipline in the second half of the twentieth century. Since the 1970s, with the growth and diffusion of

phenomenological approaches to geography, Buttimer's name appeared closely linked to the emergence of humanism in geography. Her dedication to the development of theoretical models and methodological procedures for the historical investigation of geographic thought goes beyond this seminal contribution. Taking into account the period between 1970 and 1980, this text aims to describe and discuss how Buttimer avidly devoted herself to research on the history of geographic thought. The work of Buttimer is part of the history of geography and also an analytical and conceptual framework to investigate the history of geographic thought. In her Dialogue Project, autobiography, life trajectories and oral history were the main tools operated by this geographer in her proposal to recognize and explain the diversity of visions about the world - and thus simplify communication among professionals.

Anne Buttimer es una de las geógrafas más conocida en la historia de la disciplina en la segunda mitad del siglo XX. Desde los años 1970, con el avance y la difusión de los abordajes fenomenológicos en la geografía, el nombre de Buttimer apareció íntimamente vinculado al humanismo fenomenológico en la ciencia geográfica. Las investigaciones de Buttimer, principalmente aquellas dedicadas al desarrollo de modelos teóricos y procedimientos metodológicos para la investigación histórica del pensamiento geográfico, extrapolan en demasiado sus contribuciones y la incorporación de un modo específico de fenomenología en la geografía. Teniendo en cuenta un período de aproximadamente una década, entre los años de 1970 y 1980, el objetivo central de este texto es narrar y debatir de qué modo Buttimer se dedicó de manera voraz a la investigación sobre la historia del pensamiento geográfico. Al mismo tiempo en que integran la historia de la disciplina, las investigaciones de Buttimer producen cuadros analíticos y conceptuales para analizar esta historia. En el proyecto titulado Dialogue Project, la autobiografía, las trayectorias de vida y la historia oral son las principales herramientas utilizadas por esta geógrafa en su propuesta de reconocer y explicar la diversidad de visiones sobre el mundo y, así, facilitar la comunicación entre los profesionales.

Anne Buttimer est l'une des géographes les plus connues de l'histoire de la discipline dans la seconde moitié du 20ème siècle. Depuis les années 1970, avec le développement et diffusion des approches phénoménologiques de la géographie, le nom de Buttimer apparaît étroitement lié à la réception de l'humanisme phénoménologique en sciences géographiques. Néanmoins, les recherches de Buttimer, en particulier celles dédiées au développement de modèles théoriques et procédures méthodologiques pour l'enquête historique s'étalent au delà des contributions de l'auteur à la constitution d'un certain type de phénoménologie en géographie. Le but de ce texte est de raconter et de discuter comment, entre les années 1970 et 1980, Buttimer a développé la recherche sur l'histoire de la pensée géographique, à partir des nouveaux cadres analytiques et conceptuels. Dans le projet intitulé Dialogue Project, l'autobiographie, les trajectoires de vie et l'histoire orale étaient les principaux outils opérationnalisés par cette géographe dans sa proposition de reconnaître et d'expliquer la diversité des points de vue sur le monde - et faciliter ainsi la communication parmi les professionnels.

ÍNDICE

Índice geográfico: Irlanda, Estados Unidos, Suécia

Índice cronológico: 1976-1993

Keywords: Anne Buttimer, history of geographical thought, autobiography, Dialogue Project, biographical trajectory

Palabras claves: Anne Buttimer, historia del pensamiento geográfico, autobiografía, Dialogue Project, trayectoria biográfica

Palavras-chave: Anne Buttimer, história do pensamento geográfico, autobiografia, Dialogue Project, trajetória biográfica

Mots-clés: Anne Buttimer, histoire de la pensée géographique, autobiographie, Dialogue Project, trajectoire biographique

AUTOR

RAFAEL AUGUSTO ANDRADE GOMES

Doutorando em Geografia no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro